

UM ESTUDO ACERCA DO UNIVERSO TDAH INTRÍNSECO A UM CRESCENTE PROCESSO DE MEDICALIZAÇÃO NUMA SOCIEDADE HIPERATIVA

¹MACEDO, Luanna Raquel Gomes; ²MONTENEGRO, Isabelle Oliveira; ³ARAÚJO, Nathalia Rodrigues; ⁴COSTA, Aline Oliveira; ⁵RASIA, Maria da Guia Rodrigues.

¹*Universidade Estadual da Paraíba – luanna_raquel_@hotmail.com*

²*Universidade Estadual da Paraíba – isabelle_montenegro@hotmail.com*

³*Universidade Estadual da Paraíba – nathix19@gmail.com*

⁴*Universidade Estadual da Paraíba – alineoliveiracosta10@gmail.com*

⁵*Universidade Estadual da Paraíba – mg.rasia@hotmail.com*

RESUMO

Este artigo contempla o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) a partir de um crescente processo de medicalização, fruto do marco de uma sociedade hiperativa. O surgimento do capitalismo ocasionou uma mudança radical na sociedade, o neoliberalismo gestou a conhecida “crise do processo civilizatório”, gerando sujeitos com características amplamente modernas: impaciência, imediatismo, impulsividade e ansiedade, são algumas das várias patologias surgidas no bojo da civilização moderna-industrial-capitalista, respaldos que afetam diretamente nos diagnósticos de TDAH, aumentando bruscamente a utilização de medicamentos cada vez mais cedo. Diagnóstico esse, pautado, apenas, no indivíduo, não contemplando as outras questões como o contexto social da criança e/ou seu histórico familiar. Partindo disso, objetivamos por meio desta pesquisa explicar sobre o universo do TDAH, contextualizando com esse processo de medicalização, como também compreender a sociedade hiperativa e seus respaldos na vida individual e coletiva, contemplando a luz da Psicologia Histórico-cultural o papel da escola quanto ao processo de transição das funções psíquicas elementares para superiores, mais especificamente a atenção e trazer reflexões pertinentes quanto ao conteúdo da presente pesquisa. A metodologia utilizada para o devido fim é de cunho qualitativo, por meio da pesquisa de campo, onde realizamos uma entrevista semiestruturada com duas professoras da rede municipal de ensino. Os principais resultados indicam que a rotulação ainda é muito forte no contexto educacional, e que cada vez mais os alunos diagnosticados com esse transtorno são medicalizados a fim de se enquadrarem na sociedade, como também não atrapalhem o processo de ensino.

Palavras-chave: TDAH, Medicalização, Sociedade hiperativa, Ensino.

INTRODUÇÃO

A sociedade hiperativa emergiu no ventre da nova fase do capitalismo, conhecida por neoliberalismo, concomitantemente à difusão dos estudos acerca do TDAH, na década de 60, ampliando os horizontes quanto às ideias sobre o transtorno em questão, tal como os respaldos deste na vida do sujeito.

Para sociedade capitalista haveria parâmetros e padrões, os quais não consideravam as diferenças sociais ou as diversas manifestações individuais, e, por conseguinte, todo aquele que se mostrasse fora dos padrões seria marginalizado e excluído.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

Hayek (apud EIDT; TULESKI, 2010), defendia, dentro deste quadro, que nós, enquanto sujeitos, não poderíamos interferir, no curso da civilização, pois a mesma seguiria um trajeto natural até o ápice do desenvolvimento humano, para tanto, seria necessário que o sujeito não projetasse ou planejasse qualquer ação em relação ao meio no qual estava inserido, visto que contrário a isto, o mesmo acabaria por interferir no processo civilizatório, causando um “desastre” histórico.

A consequência desta concepção naturalizada de “sociedade *versus* sujeito”, acaba por transferir ao último, uma impotência frente à sociedade que o moldaria e, regularia seu comportamento, seria o meio natural, ao qual todos estariam dispostos a se enquadrar; portanto, todo aquele que fugisse do exigido e não se encaixasse nas condições ofertadas socialmente, eram tidos como desajustes sociais e desadaptações, pois, na lógica capitalista, seria necessário o enquadramento de todos nas “fôrmas” sociais.

Em consonância ao novo modelo econômico/social, com o passar dos anos o fluxo intenso de industrialização e modernização causara o aumento do índice de desemprego em consequência à falta de mão-de-obra qualificada e, segundo especialistas, isto resultou, socialmente, características drásticas ao âmbito social. O desenvolvimento desenfreado do capitalismo atropelou as formas humanas de ser, o indivíduo tornou-se mais egocêntrico e individualista, ao passo que acaba por ficar imerso na sua subjetividade, esquecendo da realidade objetiva que o circunda e os problemas nela intrínsecos.

A chamada “crise do processo civilizatório” (FRIGOTTO, apud EIDT; TULESKI, 2010), gerou uma sociedade impaciente, pautada no imediatismo, onde as instituições se desfazem, as relações não são permanentes, a incerteza e ansiedade permeia a vida cotidiana aliadas a impulsividade e agressividade. Não há projeção de futuro, não há possibilidade de criar ou reconstruir uma história nova, principalmente, quando se trata da classe trabalhadora, oprimida pelo processo de dominação.

Mediante o exposto, a era moderna torna-se a era dos sujeitos dependentes, de tutela e/ou acompanhamento, fase histórica propícia para entrar em tela os especialistas, responsáveis por desenvolver habilidades específicas ou corrigir as que apresentam disfunção. A era moderna faz com que haja, portanto, a normatização da vida, que transforma os problemas cotidianos em doenças, em problemas biológicos e individuais. Não há espaço para tolerância quanto ao sofrimento do outro, ao adoecimento mental, as diversas manifestações individuais e coletivas, etc., portanto, acaba por transformar características pessoais e/ou coletivas em anomalias e patologias.

Por conseguinte, o processo de medicalização vem como solução rápida e eficaz para resolução destes quadros, a medicalização da vida, que obtém resultados rápidos, simples e sem trabalho, que instaura e configura um modelo de sujeito dentro das “normalidades”.

Em decorrência dos altos níveis de diagnósticos de TDAH (Transtorno e Déficit de Atenção e Hiperatividade) atualmente, tal como o crescente índice de encaminhamentos escolares, mesmo com dificuldades para se diagnosticar e intervir frente a este quadro, têm sido comuns os laudos de crianças com TDAH em nossas salas de aula, tratadas e medicadas como hiperativas.

Um dos fatores preponderantes para tal processo e índices elevados de diagnósticos, é o processo intrínseco de medicalização, que a partir de um sistema econômico pautado no lucro, a comercialização de medicamentos tornou-se um negócio lucrativo, averiguando para o caso de tratamento de comportamentos que saiam dos padrões exigidos nas escolas e na sociedade, desatenção, impulsividade e hiperatividade nem sempre foram foco de observação, porém com a introdução destas formas de tratamento ganharam espaço nos meios sociais.

Para reverter esta situação, a luz da perspectiva Marxista e Histórico-Cultural, se faz necessário entender o sujeito imerso nas relações sociais/culturais da sociedade ao qual está inserido, que é composta por ele ao passo que o compõe, ampliando, assim, os horizontes de compreensão do transtorno, configurando uma análise não apenas referente ao individual, como também ao social/coletivo.

Trazendo para a área educacional, de acordo com a Psicologia Histórico-Cultural, o papel da escola é de transmitir de modo compreensível, aos alunos, os conhecimentos culturais e históricos e, principalmente, os conhecimentos científicos. Esses, por terem uma natureza mais complexa e elaborada, exigem da criança um nível maior de entendimento e desenvolvimento das funções psíquicas superiores. As funções psíquicas superiores, são aquelas funções mentais, que caracterizam o comportamento consciente do ser humano - atenção voluntária, percepção, a memória e pensamento. O ambiente escolar é o local adequado para promover a prática de atividades que induzam ao desenvolvimento e utilização das funções psíquicas superiores.

As escolas têm recebido com frequência, crianças com problemas e distúrbios de aprendizagem, inclusive com supostos diagnósticos de TDAH. Dessa maneira, os alunos indisciplinados são rotulados com a doença, visto que a indisciplinada se encaixa a um dos sintomas do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. Mas, o fato de ser indisciplinado, não comprova, necessariamente, que a criança possua TDAH,

tal indisciplina pode estar correlacionada com as relações estabelecidas entre educador-aluno e aluno-aluno, ou com a metodologia que o docente conduz as aulas, as atividades pedagógicas realizadas e a influência que a sociedade exerce no ambiente escolar. Como já foi mencionado é importante observar essas questões, antes de diagnosticar uma criança com TDAH, alguns estudiosos acreditam que a indisciplina, desatenção ou falta de controle, são problemas de ordem individual, existentes nas crianças e que teriam como causa a história pessoal e familiar. Essa afirmação é preocupante, porque se a causa tem origem pessoal ou familiar, o educador pode isentar-se da educação do aluno, pensando que a criança não tem condições para aprender, colaborando assim para a exclusão escolar, o que não é desejável que aconteça.

A Psicologia Histórico-Cultural enfatiza a importância de um mediador para o desenvolvimento cognitivo e das funções psíquicas superiores dos alunos. O aluno dito "normal" e o aluno diagnosticado com TDAH precisam dessa mediação, pois, desde o nascimento, a criança depende de um adulto, para interagir com o meio externo e os sujeitos que dele fazem parte.

Diante o exposto, serão exploradas nesta pesquisa, algumas questões frente à temática refletida nas salas de aula atualmente. Para tanto, escolhemos duas (2) professoras, pedagogas, atuantes na educação infantil para responder aos nossos questionamentos. A partir de uma entrevista semiestruturada, as indagamos a respeito do TDAH, sobre os alunos que possuem este transtorno, quais seus comportamentos, qual seu contexto familiar e se usam de medicamentos, também as questionamos á respeito de suas metodologias para com estes sujeitos e o que elas entendiam por TDAH.

Portanto, confrontamos os dados de nossa pesquisa com o universo do TDAH, contextualizando a mesma com este crescente processo de medicalização, compreendendo como a sociedade, aqui em questão hiperativa, afeta a vida individual e coletiva do sujeito, qual o papel da escola e do professor frente à transição das funções psíquicas elementares em superiores, especificando a atenção. Tentamos trazer reflexões pertinentes quanto ao conteúdo aqui trabalhado, pautadas nas discussões das autoras Eidt e Tuleski (2007), e trazer contribuições ao meio acadêmico e social sobre tal temática.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a pesquisa foi de cunho qualitativo, fruto da pesquisa de campo. Realizamos uma entrevista semiestruturada, como meio de coletar o máximo de

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

informações acerca dos nossos objetivos, com duas professoras da rede municipal de ensino. Para fundamentação utilizamos do texto das autoras Eidt e Tuleski (2007).

Desta forma, pautamos nosso trabalho em explorar o universo do TDAH: principais características, diagnóstico, tratamento e acompanhamento, além das especificidades educacionais e como o mesmo é visto pelos docentes que lidam com esse, contrapondo-nos a análise do processo de medicalização, imerso em uma sociedade hiperativa, cujo papel da escola em transformar as funções psíquicas elementares em superiores (dando como exemplo a atenção) se faz preponderante na construção das características individuais, que dentro deste quadro estão sendo interpretadas como patologias, enquanto o sujeito é compreendido a parte do contexto do qual faz parte.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH é um transtorno neurológico e crônico, que altera o funcionamento de algumas áreas do cérebro, especificamente as áreas responsáveis pela atenção e comportamento. Podendo persistir na vida adulto do indivíduo e ter uma maior predominância em uma área, seja ela, a desatenção, hiperatividade ou a impulsividade.

De acordo com o DSM-V (2014), o indivíduo que é diagnosticado com TDAH é caracterizado por ser: desatento, desorganizado, hiperativo e impulsivo, dessa maneira, os indivíduos se distraem facilmente com pequenas coisas, não conseguem seguir regras e seguir as instruções até o fim, possuem dificuldades em organizar atividades como também concluí-las no tempo estipulado, interrompem os colegas, não conseguem ficar sentados por muito tempo, aparentam não escutar quando alguém lhe dirige a palavra, fixam o olhar em um ponto, geralmente falam demais e ficam mexendo-se em excesso.

Para se caracterizar como TDAH, é necessário que o indivíduo tenha perda ou prejuízo nas atividades sociais e escolares, contudo, é necessário ressaltar, que esse prejuízo escolar não é ocasionado por fatores cognitivos ou relacionado a distúrbios de aprendizagem e, sim, pela distração, impulsividade e hiperatividade que prejudica o sucesso do aluno em seu desenvolvimento escolar. Frente a isso, o mesmo é caracterizado como um transtorno do neurodesenvolvimento, pois além de aparecer na fase inicial do desenvolvimento da criança, também afeta suas relações, sejam elas, pessoais, sociais, acadêmicas ou profissionais.

Diante o exposto, nossas discussões e análise se pautaram numa entrevista semiestruturada, a respeito do universo do TDAH, encarado nas salas de aula (atualmente) de uma rede municipal de ensino. As perguntas foram elaboradas de acordo com o tema da

pesquisa e com embasamento do texto das autoras já citadas. Partindo disso, elencamos a seguir o que foi questionado as docentes e suas respectivas respostas. Para preservar a identidade de ambas, iremos nos referir à professora 1 e professora 2.

Nossa entrevista iniciou averiguando o grau de escolaridade de ambas, o nível de formação continuada e/ou especializada, assim como o tempo de atuação. Para os devidos fins de analisar com que bagagem profissional, referente a formação, tem para lidar com este transtorno, pois, muitas vezes, os profissionais de educação não estão devidamente preparados para lidar com situações que imprimem este quadro. Seguem as respostas:

Professora 1: Sou pedagoga e dou aula em salas da educação infantil, mais especificamente a turma do pre-1. Tenho 16 anos de atuação.

Professora 2: Sou pedagoga, tenho especialização em Atendimento Educacional Especializado. Eu dou aula em salas regulares e de AEE.

A segunda pergunta da nossa entrevista foi sobre o que entendem e caracterizam por TDAH, ficou evidente que ambas compreendem sobre esse transtorno, estando as duas de acordo com o que foi citado no início desse trabalho, vejamos:

Professora 01: TDAH é um problema neurológico que é caracterizado por sinais de inquietação, desatenção e impulsividade.

Professora 02 disse: O transtorno e déficit de atenção, que pode vir com hiperatividade ou não. Junto a isso a grande figura se dá na dificuldade de aprendizagem.

As concepções de ambas estão de acordo com o que entende-se por TDAH, as docentes citam, inclusive, algumas características como a inquietação, a desatenção e a impulsividade, além da dificuldade de aprendizagem que pode vir ou não acompanhada por hiperatividade, pois como já foi citado,

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH é um transtorno neurológico e crônico, que altera o funcionamento de algumas áreas do cérebro, especificamente as áreas responsáveis pela atenção e comportamento. Podendo persistir na vida adulto do indivíduo e ter uma maior predominância em uma área, seja ela, a **desatenção, hiperatividade** ou a **impulsividade**. (Macedo; Montenegro; Araújo; Costa; Rasia; 2018. p. 5).

A terceira questão englobou a curiosidade de que ensinam ou já ensinaram à alunos com TDAH, ambas afirmaram positivamente, contudo foi exposto pela professora 02 que na sala de aula regular, ela não ensinou a um aluno diagnosticado por laudo, porém ela, acredita que o aluno tivesse esse transtorno, pois as condutas e comportamento do mesmo eram semelhantes as características de um indivíduo com TDAH. Este aspecto é um dos mais

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

preocupantes, pois, percebemos que o provável laudo se deu por inferências ou por suposições e com tais diagnósticos muitas crianças são rotuladas e excluídas, fato que nos leva a reflexão de entender o sujeito dentro do contexto ao qual ele faz parte, transferindo o olhar para a sociedade hiperativa e não somente, no aluno que apresenta dificuldades.

Uma problemática que podemos pontuar dentro deste quadro é quando o profissional que lida com este quadro percebe desvios de conduta, o mesmo providencia o encaminhamento da criança para um psicopedagogo ou um psicólogo educacional, entretanto, a família não aceita, não reconhece a situação e se nega a procurar ajuda. São situações e situações e, o que não se pode fazer, são rotulações e diagnósticos errôneos. Se faz necessário a ajuda de um profissional adequadamente formado para diagnosticar e, em conjunto, se pensar numa melhor forma de assistir à estes sujeitos no processo educacional.

O diagnóstico desse transtorno é clínico e é construído a partir de instrumentos como a anamnese detalhada, escalas de avaliação, aplicação de questionários, testes psicológicos, entre outros, partindo dos sintomas apresentados pelo indivíduo. Os profissionais envolvidos e capacitados para redigir laudos e diagnósticos, são: psiquiatras, neuropsiquiatras, neuropediatras, neurologistas. Esses, por sua vez, buscam colher o máximo de informações possíveis sobre o histórico do paciente, como hábitos do mesmo, histórico familiar, como foi a gestação do indivíduo e, como foi e, como está sendo, o desenvolvimento integral (motor e cognitivo) do mesmo.

Em referência a acompanhamento e tratamento deste transtorno é um processo multidisciplinar, ou seja, com a intervenção de profissionais de diversas áreas como psicólogos, fonoaudiólogos, oftalmologistas, pedagogos etc. Como também deve englobar intervenções psicoterápicas que envolvem, além do indivíduo com TDAH, a sua família, para que essa aprenda a conviver e entender melhor o transtorno, favorecendo assim o melhor convívio para todos.

Com vistas a saber sobre o comportamento do sujeito com TDAH, indagamos as professoras, na quarta questão, sobre como é o comportamento do discente com TDAH na sala da aula,

Professora 01: O aluno sempre demonstrava agitação e pouca concentração.

Professora 02: Geralmente, ele está sempre aéreo, não fixa tanto o olhar, tende no sentido assim, a gente precisa sempre tá chamando a atenção. Preste atenção aqui. Vamos olhar isso [...] ele não para ouvir, ele já responde automaticamente há sempre uma pressa muito grande.

A desatenção é uma das características mais preponderantes na criança com TDAH, contudo, devemos observar que a atenção é condição primordial para o processo de ensino-aprendizagem. Por isso, é essencial e necessário que a criança com TDAH tenha em sala de aula estímulos que despertem nela o interesse para aprender. O educador, deve adaptar seu trabalho, de forma a assistir este público, por exemplo, ao fazer uso da linguagem, deve associar o abstrato ao concreto para que a criança possa se apropriar do conhecimento.

A impulsividade é outra característica de comportamento percebido em alunos com TDAH, porém, de acordo com Vigotski (apud EIDT; TULESKI, 2010), a origem do controle voluntário do comportamento, não é orgânico, nem é resultado de experiências anteriores do ser humano, mas, se constrói na inserção do indivíduo na sociedade. O que nos permite dizer que a criança não nasce com impulsividade, mas, pode adquiri-la no contexto social em que convive, podendo ser até mesmo na escola. Desta forma, refletimos à luz desta ideia, que o indivíduo pode não, necessariamente, possuir TDAH, mas sim, conter traços gestuais, comportamentais e incorporar valores, de uma sociedade hiperativa, inquieta, impulsiva e impaciente a qual está imerso.

Portanto, dentro do atual quadro social, tem-se cobrado cada vez mais a atenção dos indivíduos para realização de atividades cotidianas, desta forma, no meio escolar, os professoras adaptam suas metodologias, ou tentam, para concomitantemente serem tão atrativas quanto o que o mundo externo oferece para as crianças. Diante o exposto, nossa quinta indagação foi a respeito de quais metodologias utilizadas pelas professoras para com os alunos que apresentavam comportamento dentro da tela do TDAH,

Professora 01: Utilizo recursos e jogos disponíveis e adaptados ou criados por mim, partindo sempre da curiosidade e interesse do aluno.

Professora 02: Dentro da sala de recurso a gente faz o suplemento trazendo sempre 'contação' de histórias, para que a criança possa adquirir o gosto pela leitura e alguns momentos a gente está lendo para eles nesse contexto. Também incluo atividades de alfabetizar, reconhecimento de letras, sílabas, palavras, de quantas letras tem, quantas sílabas tem, então são atividades de alfabetizar, realmente, e de letramento também. Então é sempre nesse enfoque, um enfoque individual.

O que podemos analisar diante destas respostas é que a professora 01 utiliza da ludicidade para trabalhar com as crianças que apresentam TDAH, é interesse que haja esse comprometimento do docente em planejar e criar, como ela mesma aponta formas e recursos que ajudem no processo de aprendizagem destas crianças, explora a ludicidade, tão

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

importante e fundamental para crianças de educação infantil. Estes estilos metodológicos favorecem a construção da atenção e concentração a partir do caráter lúdico,

A ludicidade é uma estratégia pedagógica excelente para desenvolver a atenção da criança com TDAH, pois, é por meio dos jogos e brincadeiras, que as crianças passam a compreender e a utilizar regras empregadas no processo ensino-aprendizagem. É com atividades lúdicas que acontecem as melhores experiências intelectuais e reflexivas, e é a partir disso, que se produz o conhecimento. Os jogos são fundamentais para desenvolver diferentes condutas impostas pela escola e pelos professores, também a aprendizagem de diversos tipos de conhecimentos, desenvolvendo a criatividade, interesse, envolvimento, participação e interação do educando; proporcionando à criança diagnosticada com TDAH, mais facilidade, envolvimento e desenvolvimento no processo ensino-aprendizagem. (ARAÚJO, et. Al, 2017, p.6)

Enquanto que a professora 02 traz á tela outros recursos, a importância do trabalho individual, nas salas de AEE - Atendimento Educacional Especializado, que é outra atitude indispensável para favorecer a concentração do aluno.

Por isso, é de grande importância ser desenvolvido no ambiente escolar, mais especificamente na sala de aula, um trabalho pedagógico dinâmico, que ajude essa criança em melhorar a sua concentração, atenção, memorização, lógica, sendo esse trabalho iniciado desde a criação de uma rotina para que assim ela se habitue e se adapte melhor a este ambiente, ao uso do tom de voz da professora, para chamar atenção da criança através das oscilações feitas pela voz, ao uso de jogos, brincadeiras, atividades que partam do interesse da criança, para que a mesma se sinta atraída e desenvolva suas habilidades, de acordo com o seu tempo, seu ritmo etc.

Portanto, um planejamento escolar deve atender a todas as necessidades que se possa encontrar em uma sala de aula e, o educador deve estar atento e preparado para intervir de forma significativa que ocorre gradativamente promovendo um espaço prazeroso de aprendizado, se apropriando dos benefícios do lúdico no seu trabalho pedagógico. (ARAÚJO et al., 2017, p.9)

O trabalho especializado não deve ser apenas realizado pela escola, mesmo sendo este fator principal para o avanço do desenvolvimento, a operacionalização de uma atitude de intervenção requer a união da escola com família do sujeito. Pensando nisso, o sexto requisito que investigamos foi o contexto familiar do aluno, indagamos se as professoras tinham conhecimento sobre em quais condições sociais o sujeito estava inserido,

Professora 01: Não tenho muito conhecimento, sei que a criança fica com a avó, pois, os pais eram separados.

Professora 02: A nossa clientela, é uma clientela humilde. Nesse caso ela é de uma família numerosa, e o contexto familiar em que a escola, é ainda a possibilidade que esse aluno tem.

O que percebemos, a partir dos depoimentos é que a criança da professora 1 tem como referência, provavelmente, a avó; enquanto as crianças da professora 2 vem de uma conjuntura social de luta de classes e relação de poder. Deste modo, é interessante fazermos esta análise da conjuntura geral, na qual o indivíduo está inserido, pois, quando o validamos com o diagnóstico do TDAH não o avaliamos separado de todos os fatores que de forma direta ou indireta conduzem o seu comportamento, avalia-se, portanto, o contexto que o mesmo está submetido, como ele mantém relações interpessoais fora dos espaços escolares e como está sendo o acompanhamento do seu desenvolvimento no meio social.

Se tratando destes cuidados sociais, perguntamos as professoras no sétimo questionamento contemplando o crescente processo de medicalização, desta averiguamos se as professoras saberiam informar se a criança fazia tratamento à base de medicamentos e se as mesmas concordavam com o uso de medicamentos por partes deste sujeitos,

Professora 01: Que eu tenha conhecimento, não tomava medicamento. Não concordo, pois 'dopar' a criança não vai solucionar... É preciso proporcionar possibilidades variadas e atividades que despertem seu interesse.

Professora 02: A princípio a mãe falou que sim, que tomava, aí o que acontece, o médico passa uma medicação e, geralmente, as famílias tendem a quando ver algum sintoma diferenciado, por conta do remédio, tende a elas mesma ou tirarem ou diminuírem a dose [...].

Esta última, quando questionada de ser a favor ou contra o uso de medicalização salientou dois casos e acrescentou,

Professora 02: Eu acho que há casos e casos, tem casos que a criança não precisa ser medicada e há outras que sim, no entanto, eu entendo que se há uma medicalização precisa haver um acompanhamento, por outro lado, com relação as crianças muito hiperativas, a gente entende que a escola não se trata só de um depósito, no sentido da criança vir só por vir, ela precisa vir e estar com qualidade de tá participando, então ela precisa estar com a condição de participar das aulas. E se o medicamento for indicado e se for trazer para ela uma melhor qualidade de vida dentro da escola, para que ela possa realmente se concentrar e aprender mais eu acho que é viável sim, se não o médico também vai tá podendo dizer isso.

De fato, uso de medicamentos que são os psicoestimulantes, possuem efeito calmante e que ajudam na melhora das áreas cerebrais afetadas por esse transtorno, estimulando o indivíduo a fazer atividades, a ter mais concentração, proporcionando melhor qualidade de

vida ao sujeito, porém deve-se atentar-se para o uso excessivo e até desnecessário desses medicamentos.

Desta forma, evidentemente, constatamos uma reflexão de ambas profissionais quanto ao uso e manuseio da medicação específica para o transtorno, de fato, não há um saber concreto sobre tais discussões, mas a partir das inferências que elas fazem, nós interpretamos como algo positivo frente a toda discussão trazida no seio deste trabalho.

Por conseguinte, as professoras foram questionadas sobre o comportamento que seus alunos com TDAH apresentam, pois, tal fator se mostra um grande preocupante da maioria dos professores, devido ao comportamento interferir na concentração e, conseqüentemente, na aprendizagem do aluno. Desta forma, quando perguntadas sobre o comportamento de seus alunos em atividades extra classe, ela nos indicaram,

Professora 01: Sim, nas atividades externas (hora do recreio) a inquietação melhorava um pouco.

Professora 02: As grandes dificuldades e desafios para os alunos que tenha TDAH ou que tenham deficiência, é, exatamente, a sala de aula, porque em outras atividades coletivas, porque quando ele vem para uma sala de recurso ele vem para o atendimento individualizado, então por mais que ali tenha desafios não é tanto como uma sala regular, não é tanto como uma atividade coletiva.

Refletimos, portanto, que a professora 1 observou melhorias no comportamento do aluno mais precisamente na hora do recreio, por ser um momento mais solto e sem tantas exigências de compostura e, ao brincar, ele estaria fazendo algo que gosta, que o prende a atenção e que com os demais ele interaja de forma a compreendê-los, sem necessariamente ficar sentando em uma cadeira dentro de uma sala de aula. Já a professora 2 não respondeu se observava o comportamento do aluno com TDAH em outras atividades fora da sala de aula. Entretanto, nos contou das dificuldades e desafios enfrentados pelos mesmos nas salas regulares e, até mesmo, nas salas de atendimento especial.

Durante o decorrer desta pesquisa foi notório o quanto são necessários estudos mais aprofundados sobre as temáticas do gênero, o quanto é essencial e preponderante a devida formação e instrução do profissional resignado para contemplar tais experiências. Além disto, a empatia pelo outro que se deve desenvolver nos profissionais e sujeitos que lidam com estes casos, para não haver generalizações de casos e acabar por optar soluções imediatas como forma de sanar o problema, o atropelando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que o número crescente de diagnósticos, cada vez mais cedo, está se concedendo de forma errônea, pois, não é considerado o contexto social que o indivíduo está inserido e desta forma o número de medicamentos para o “tratamento” destas crianças também está em crescimento. Contudo, fica claro que a medicalização não é necessária em todos os casos, mas em consonância a isto, a indústria farmacêutica precisa lucrar e, muitos professores dizem precisar do uso destes medicamentos nos seus alunos, para só então conseguir ministrar aulas sem nenhuma “perturbação”. Desta maneira, as crianças estão cada vez mais sendo “dopadas”, não levando em consideração que a sociedade atual impõe padrões a serem seguidos, nos quais aquele que não estiver enquadrado é segregado, culpabilizado e até medicalizado, a fim de encaixar.

O que se faz necessário é que antes de existir a rotulação de um aluno, seja feito um trabalho pedagógico diferenciado com o mesmo, para que assim sejam percebidas as suas habilidades e potencialidades. Em última instância, se persistirem os sintomas, é recomendável o encaminhamento para um profissional adequado, e se for o caso de o diagnóstico ser de transtorno, que sejam respeitados o uso e o acompanhamento médico, para que a criança não seja prejudicada. O trabalho pedagógico deve ser realizado em conjunto, contando com a escola, os profissionais capacitados para designo e a família da criança.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA. **Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DSM-V)**. Porto Alegre: ArtMed, 2014.

EIDT, Nadia Mara. TULESKI, Silvana Calvo. **Discutindo a medicalização brutal em uma sociedade hiperativa**. In: MEIRA, Marisa Eugênia Melillo; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. (Orgs). *Psicologia Histórico-Cultural: contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

Estratégias pedagógicas para alunos com TDAH. Disponível em: <<https://neurosaber.com.br/estrategias-pedagogicas-para-alunos-com-tdah/>> Acesso em: 20 nov 2017 as 18 horas.

Sintomas e tratamento do TDAH. Disponível em: <<https://neurosaber.com.br/tdah-sintomas-e-tratamento/>> Acesso em: 24 nov 2017 as 17 horas.

ARAÚJO, Nathalia Rodrigues. COSTA, Aline Oliveira. MACEDO, Luanna Raquel Gomes. MONTENEGRO, Isabelle Oliveira. VASCONCELOS, Tatiana Cristina. **Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (tdah): potencializando o desenvolvimento através do lúdico**. In: Congresso Nacional de Educação, IV, 2017, João Pessoa-PB, Anais, João Pessoa, Ed. Realize. P.1-11.